



LINHAS DE TORRES

As Linhas Defensivas de Torres Vedras são constituídas por 152 obras militares edificadas entre 1809 e 1811.

Para proteger Lisboa da 3.ª Invasão Napoleónica, as forças anglo-lusas estabeleceram em torno da capital do reino um sistema defensivo estruturado que incluía duas linhas defensivas ligando o Oceano Atlântico ao Rio Tejo.

CIRCUITO DA MALVEIRA

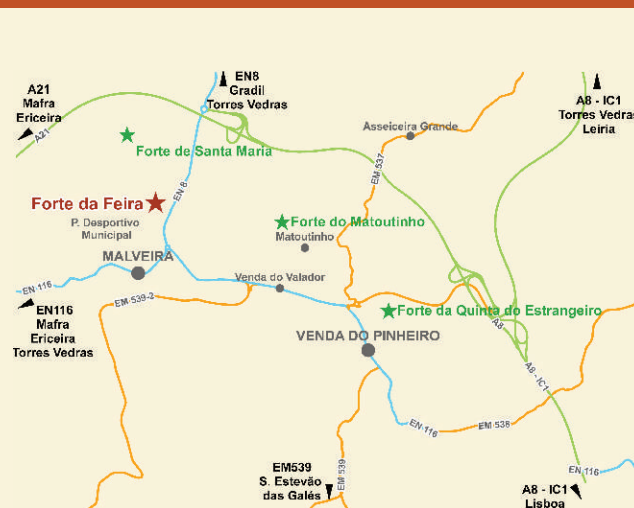
O conceito estratégico das Linhas está assente no controlo da rede estradal, por onde chegaria o Exército francês e partiria em retirada o Exército Inglês.

A zona da Malveira/ Venda do Pinheiro é um verdadeiro nó das linhas onde se cruzam a estrada de Mafra para Lisboa e a estrada que partia de Torres Vedras para Lisboa. O controlo da rede estradal terá proporcionado uma das maiores concentrações de redutos de todas as Linhas.

Na Malveira estão documentados três fortes (Santa Maria, Feira e Malveira), registando-se ainda nas imediações o Forte do Matoutinho e da Quinta do Estrangeiro (Venda do Pinheiro).

FORTE DA FEIRA

Encontrava-se guarnecido por 350 homens das milícias portuguesas, dispoñdo de 4 peças de artilharia de calibre 9. A defesa do Forte da Feira inseria-se no 6.º Distrito, com superintendência de Mafra ao Oceano Atlântico, com Quartel-general em Mafra.



INFORMAÇÕES E MARCAÇÃO DE VISITAS

Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de Mafra
 Telef.: 261 819 711 / e-mail: arqueologia@cm-mafra.pt

ORGANIZAÇÃO



APOIO

Junta da Freguesia da Malveira
 Direcção de Infra-estruturas do Exército (DIE)
 Instituto de Gestão do Património
 Arquitectónico e Arqueológico (IGESPAR)



Projecto financiado pela Islândia, Liechtenstein e Noruega através do Mecanismo Financeiro do Espaço Económico Europeu

Junho 2011



Rota Histórica
 das Linhas de Torres

FORTE DA FEIRA

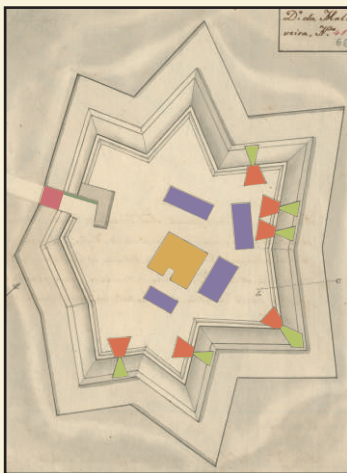


CÂMARA MUNICIPAL DE MAFRA

A FORTIFICAÇÃO

UM FORTE NA VILA DA MALVEIRA

Localizando-se na Vila da Malveira, o Forte da Feira assumiu o nome da feira anual instituída por D. Maria I em 14 de Dezembro de 1782 para compra e troca de gado. Aquando das Invasões Francesas, o núcleo urbano da Malveira estaria restrito a uma área junto da capela de Nossa Senhora dos Remédios, mas a área anexa ao local onde se implantou o forte era recorrentemente frequentada para a referida feira.



3370-3-40-PP- Gabinete de Estudos Arqueológicos da Engenharia Militar
Direcção das Infra-estruturas do Exército

ELEMENTOS A VISITAR

PAIOL: Local na fortificação que se destina à armazenagem de explosivos ou munições.

No paiol eram armazenadas munições para as armas de fogo, as quais eram fornecidas aos soldados em cartuchos. As armas usadas pela Infantaria eram as espingardas com fechos de pederneira e respectiva baioneta. Para além do armamento era depositado no paiol todo o tipo de ferramentas, prevendo a manutenção das fortificações.

TRAVÉS: Construção de terra para protecção do fogo inimigo.

CANHONEIRA: Abertura onde eram colocadas as bocas-de-fogo. Nas Linhas de Torres Vedras foram usadas peças de artilharia portuguesas com calibre 9 com alcance de cerca de 2200 m. As distâncias entre os vários fortes eram planificadas de acordo com os alcances da artilharia.

PLATAFORMA: Estrutura de madeira para base da bateria de tiro.

A RECUPERAÇÃO DO FORTE

ARQUEOLOGIA

Os trabalhos arqueológicos (2010-2011) vieram trazer grandes novidades na leitura deste forte. Foi possível identificar uma construção complexa, que integra estruturas em alvenaria e madeira nas áreas mais importantes da fortificação (paiol, entrada e canhoneiras).



Levantamento arqueológico CMM

1 - ENTRADA: A entrada era protegida por construções em terra, configurando uma planta em cotovelo, com uma paliçada em madeira. Foi detectado o arranque da ponte em madeira e a porta da fortificação.



2 e 5 - CANHONEIRA: No Forte da Feira estão documentadas 6 canhoneiras, tendo sido seleccionadas duas para escavação. Foi possível identificar paredes em pedra de protecção frontal e lateral e suportes em pedra para sustentação de um estrado em madeira onde seriam operadas as peças de artilharia. Numa das canhoneiras (2) foram ainda detectados vestígios do estrado em madeira e as respectivas cavilhas de fixação.



3 - FOSSO: A sondagem do fosso procurou determinar a sua profundidade total e forma. Verificou-se que o fosso tinha quase 4 m de profundidade.



6 - PAIOL: Os trabalhos de escavação permitiram a identificação de um complexo sistema de construção subterrâneo.

O paiol apresenta um núcleo central com planta rectangular com aparelho em pedra revestido em argamassa. Esta construção estava coberta por um telhado de duas águas, revestido por uma estrutura em terra com camadas compactadas.



No interior do paiol foram detectados vestígios do estrado de madeira. Sob a rocha afeiçãoada e regularizada com argamassa encontrava-se uma caixa-de-ar, que permitia manter os níveis de humidade. O acesso ao interior era efectuado através de uma rampa em madeira. O paiol (e o forte) possuía um sistema de drenagem.